

Cuore, de Edmundo De Amicis (1886).

Um sucesso editorial.¹

Maria Helena Camara Bastos²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O estudo analisa o sucesso editorial de *Coração. Diário de um menino* (1886), de Edmundo De Amicis (1846-1908) – recomendado como livro de leitura para *meninos* de 9 a 13 anos, na escola brasileira. Através da narrativa confessional, a obra procura educar e moldar o leitor, na perspectiva de *ensinabilidade da moral e das virtudes* cívicas, fortalecendo o caráter nacional do futuro cidadão. No período da Primeira República (1889-1930), o caráter nacional foi fortalecido através da educação moral, cívica e religiosa – eixo das preocupações para os que almejavam o controle das relações e estruturas sociais para regenerar o País. A obra representa os valores da *ilustração brasileira* quanto ao projeto pedagógico republicano de formação do *novo homem* para o *novo regime* – crença ilustrada nas virtudes da instrução moral e cívica, como forma de manter a ordem social.

Palavras-chaves: leitura de formação; literatura infanto-juvenil; caráter nacional; escola brasileira;

Introdução

“Os Srs. Alves & C., que são os nossos maiores editores escolares, deram à publicidade no ano findo os seguintes livros: *Curso de geografia geral, Elementos de cosmografia, Rudimentos de corografia e Geografia Atlas* de Couturier, todos pelo Sr. João Ribeiro, o *Coração* de Ed. De Amicis, essa obra-prima dos livros de leitura”.

José Veríssimo, 1891.³

A Livraria e Editores Francisco Alves edita “*Coração. Diário de um menino*”, de Edmundo De Amicis⁴ (1846-1908)⁵, em 1891, poucos anos após sua publicação na Itália. Na

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Produção Editorial, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutora em História e Filosofia da Educação; Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Pesquisadora do CNPQ. mhbastos@puers.br

³ In: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. P.155

⁴ A edição brasileira adota a grafia portuguesa do nome italiano Edmondo De Amicis.

⁵ Edmondo de Amicis (1846-1908). Escritor italiano. Cursou a Escola Militar em Modena. Tomou parte na guerra Austro-Prussiana e permaneceu no exército até a ocupação de Roma em 1870. Foi diretor do jornal *A Itália Militar*, de Florença

primeira edição brasileira, a obra é apresentada como um *notável livro de educação moral e cívica - obra-prima dos livros de leitura*. Foi sistematicamente reeditada pela Francisco Alves até 1968, quando registra a 53ª edição⁶.

Esta obra influenciou nossos autores de literatura infanto-juvenil⁷ e ainda é recomendada como livro de leitura para crianças/meninos de 9 a 13 anos - *evangelho de muitas gerações*, apresentado como prêmio aos alunos destacados na Escola⁸.

Coração tem sido amplamente lido e adotado na escola, decorridos mais de cem anos⁹. Para D'Ávila “a poderosa influência que esse livro exerceu sobre o leitor brasileiro de todas as idades, não foi igualada por nenhum livro. Livro objetivo, puro, generoso e honesto que comoveu o mundo todo. O Brasil inteiro, principalmente a geração que iniciou este século, aprendeu a lição do trabalho, do patriotismo, da virtude e da generosidade através das páginas inesquecíveis do livro admirável. Padrão de literatura didática, a que o gênio De Amicis, num momento de inspiração criadora deu vida imortal”.

O presente estudo pretende analisar a obra na perspectiva da formação das virtudes cívicas e morais, no fortalecimento do caráter nacional, no período da Primeira República. A educação

(1867); publicou sua primeira obra “*A Vida Militar*”, em 1868, com histórias da vida dos soldados. Este livro alcançou imediato sucesso. Em 1871, estabeleceu-se em Turim e empreende diversas viagens pela Europa e África. Tem uma extensa obra: *Novelas* (1872), *Recordações de 1870-1871* (1872), *Espanha* (1872), *Holanda* (1874), *Marrocos* (1875), *Constantinopla* (1877), *Recordações de Paris* (1878), *Poesias* (1880), *Os amigos* (1882), *Coração* (1886), *O Portão da Itália* (1884), *Sobre o Oceano* (1889), *Romance de um Professor* (1895), *A Professora dos Operários* (1895), *O Carro de Todor* (1899); *Memórias* (1899), *Esperança e Glória* (1900), *Socialismo e Pátria*, *Os Inimigos do Socialismo*, *Idioma Gentil* (1905). Suas obras expressam uma centralidade em três focos: a pátria, os jovens na fase da escolarização e a população pobre.

⁶ Não foi possível fazer um rastreamento de todas as edições da Francisco Alves e sua tiragem: 1891 (1ª edição); 1894 (4ª edição); 1920 (31ª edição); 1927 (37ª edição); 1940 (42ª edição); 1949 (44ª edição); 1954 (46ª edição); 1968 (53ª edição). Esse fato, impossibilita fazer o que Roger Chartier (2002, p. 245) recomenda - “uma reconstrução rigorosa da história de sua composição e de sua impressão na oficina tipográfica”. Para ele, “a compreensão desse processo de produção do livro implica a descrição e a análise das características físicas dos exemplares conservados da edição (ou das edições) do texto considerado. (...) Esses dispositivos formais visam forçar a recepção, a controlar a interpretação, a qualificar o texto”.

⁷ Para PFROMM Neto (1974, p.174), *Coração* exerceu influência sobre nossos autores de livros de leitura, conforme se pode constatar nas obras de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto, Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Scaramelli e outros. O livro escolar de José Scaramelli - *Coisas de Nossa Terra*, chegou a ser anunciado pelos editores como imitação do *Coração*, adaptada aos cenários e personagens nacionais. “*Coração Brasileiro*. Palestras moraes e cívicas (1920)”, de Francisco Faria Netto, segue a mesma estrutura do livro de Amicis, com setenta e duas palestras – histórias vividas por um menino no cotidiano escolar. A estrutura da obra apresenta diferenças quanto: ilustrações; ao final de cada palestra, explicações do vocabulário; frases de pensadores famosos, com ênfase aos preceitos morais e cívicos; poemas, poesias e canções. Essa obra foi adotada pelos governos da Bahia e São Paulo para o segundo ano do curso primário. João Simões Lopes Neto (1865-1916) escreveu *Terra Gaúcha* (manuscrito) - uma história cívica do Rio Grande do Sul, em que o primeiro capítulo *Eu no colégio* teve, provavelmente, como modelo *Coração* de Amicis, do qual foi leitor (Tambara; Arriada, 2004).

⁸ O exemplar pesquisado (1954), na página de rosto, assinala que foi “Lembrança do Rotary Clube de Porto Alegre”, no concurso de “Melhor Companheiro de Aula”, no Grupo Escolar Antão de Faria, na turma da professora Edi Puger, em 26 de novembro de 1955. Está encadernado.

⁹ A Folha de São Paulo, de 12 de outubro de 1997 (p.3-9), cita *Coração* entre os livros estrangeiros mais vendidos nos anos 1920 e 1940, no Brasil.

moral, cívica e religiosa, nesse período, tornou-se o eixo das preocupações para os que almejavam o perene controle das relações e das estruturas sociais, como forma capaz de regenerar o País (Kuhlmann, 1996, p.228).

Lajolo (1982, p.15), afirma que *“tradicionalmente o enfoque da literatura na escola brasileira tende a assumir a função de educação pela literatura. O caráter de modelo e exemplo do texto literário é constante na apresentação de manuais escolares de qualquer época. Isso acaba identificando literatura com preleções morais, cívicas e familiares. O texto literário torna-se privilegiado não pela sua dimensão estética, mas pela dimensão retórica e persuasiva, de veículo convincente de certos valores que cumpre à escola transmitir, fortalecer e gerar”*.

Entendendo a obra de Amicis como romance de formação (Bakhtin, 1992), pretende-se analisar a historicidade do processo discursivo relativo à educação do caráter nacional/formação das virtudes cívicas e morais do futuro cidadão.

Leituras de formação ou aprendizagem são aquelas em que *“as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas”* (Freitag, 1994, p.68). Rousseau e Durkheim acreditam na possibilidade de educar os jovens para a moral, como defendem a necessidade social dessa educação. Dessa forma, considera-se a obra *Coração* como uma *leitura de formação*, pois procura educar e moldar seus leitores, na perspectiva de *ensinabilidade da moral ou das virtudes*, como apresenta uma dimensão biográfica, na forma narrativa *confessional*, em que são relatadas as vivências e sofrimentos, as circunstâncias de vida e as experiências-chave da vida do autor narrador isto é, a representação de mundo dada pelo autor. É um *livro de leitura* com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica e social.

Ao centrarmos nosso estudo na obra *De Amicis*, acreditamos que esta obra constitui uma unidade discursiva, produtora de *ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões* (Chartier, 1990, p.28), e por ser representativa dos valores da *ilustração brasileira* quanto ao projeto pedagógico republicano de formação do *novo homem* para o *novo regime*: crença ilustrada nas virtudes da instrução moral e cívica, como forma de manter a ordem social.

Literatura e educação: leituras de formação.

O início da literatura infantil e juvenil brasileira, no final do século XIX, é marcado pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira, com uma missão formadora e patriótica, desde as traduções dos *Contos seletos das Mil e uma Noites*, *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, *Robison Crusoe*, *Coração*, e as versões abasileiradas de textos de Perrault, Grimm e Andersen. A literatura infantil lança mão, para arregimentação de seu público, do culto cívico e do patriotismo como pretexto legitimador. *Le tour de la France par deux garçons* (1877), de G. Bruno, e *Cuore* (1886), De Amicis, parecem constituir matrizes inspiradoras de obras que se transformaram em verdadeiras cartilhas de nacionalidade, como *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bonfim; *Por que me ufano do meu País* (1901), de Afonso Celso¹⁰, e outros tantos. O fortalecimento da escola, nas primeiras décadas republicanas, e as campanhas cívicas em prol da modernização da imagem do País favoreceram o desenvolvimento da literatura infantil brasileira e o seu lastro ideologicamente conservador (Zilberman; Lajolo, 1986).

Veríssimo, em *A Educação Nacional* (1890), denunciava a *pobreza do nosso sentimento nacional* devido a *não havermos jamais pensado em ter educação nacional*. Como solução para esse problema, sugere a generalização da educação cívica em toda a instrução dada na escola, como condição fundamental à formação da cultura *moral e intelectual*. Para o autor, uma educação *para ser nacional precisa que inspire o sentimento de Pátria e que a dirija a um fim patriótico*. O fortalecimento do *sentimento nacional* exigia, também, a *educação do caráter*, entendida como *educação moral*, preceitos, regras, exemplos, conselhos, comentários morais de fatos da vida escolar e da história; e *educação física - que enrijece o corpo e solidifica a saúde*. *A educação do caráter é considerada como indispensável elemento da nossa educação nacional, deve ter por fim combater em todos nós tudo o que deprime o nosso caráter, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrárias*. Nesta perspectiva, envolvia a *educação da vontade e o desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade*, destacando como responsáveis por essa *missão*: a Família, a Escola, a Sociedade, as Religiões, a Política, a Literatura, a Ciência e a Arte.

O autor considera a *literatura* e a *leitura* importantes dispositivos para a *educação cívica e moral*, e, ao assinalar a ausência de uma *cultura cívica assim como moral*, acusa o livro de *leitura - a mola real do ensino* - como o grande responsável por essa situação. Transcrevendo suas

¹⁰ Sobre, ver: BASTOS, M.H.C. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra *Porque me ufano do meu país*, de Afonso Celso (1900).

palavras para melhor perceber o sentido: “*são os escritores estrangeiros que, traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da mocidade. Seja-me permitida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugueses e absolutamente alheios ao Brasil os primeiros livros que li. O Manual Enciclopédico de Monteverde, a Vida de D.João de Castro, de Jacinto Freire(!), os Lusíades, de Camões e, mais tarde, no Colégio de D.Pedro II, as sete seletas portuguesas de Aulete, os Ornamentos da Memória, de Roquete - foram os livros em que recebi a primeira instrução. E assim foi sem dúvida para toda a minha geração*”. A partir dessa constatação, Veríssimo sugere como uma das mais necessárias reformas a do livro de leitura: “*cumpra que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiros, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que anime*”.

Esta recomendação encobre uma contradição, pois ao mesmo tempo em que sugere o *abrasileiramento* do livro de leitura, permite *traslados* e *reproduções* de autores estrangeiros. Situa a exceção, a obra De Amicis que na Itália, em quatro anos, teve 101 edições, o que comprova o seu significativo papel e sua necessária adoção na escola brasileira.

José Veríssimo publica, na *Revista Pedagógica*¹¹ de fevereiro de 1892, um extenso artigo sobre a obra De Amicis, intitulado *Educação Nacional (a propósito de um livro italiano)*. Na quarta edição brasileira, de 1894, é incluído com o título *Um estudo sobre De Amicis*, em que explica essa exceção: *O livro é eminentemente italiano, na sua inspiração e na sua concepção, no seu objeto e no seu fim, no seu espírito e na sua idéia dominante e exclusiva. Eu não sei de nenhuma escola que possua hoje um tão acabado manual de educação moral e cívica. Ao escolar brasileiro, ele ensinará a moral mais elevada e simpática; mas não lhes falará senão de uma pátria que eles não conhecem nem podem amar e cuja vida e cujas glórias, cujas lutas e triunfos, lhe são indiferentes. Para a nossa escola fica, portanto, perdido o máximo valor desse livro. O que lhe convinha não era uma tradução, mas uma adaptação ou imitação. Mas toda imitação de um livro tal não será um pastiche?*

A ênfase da argumentação do autor recai no que considera “*à lacuna fundamental da nossa educação pública: a ausência de um ideal - o sentimento nacional*”, o que autoriza a

¹¹ Sobre a *Revista Pedagógica* (1890-1896/1919), ver: BASTOS, M.H.C. *Pro Pratia Laboremus*. Joaquim José de Menezes Vieira.

importação de um sentimento nacional, por paradoxal que possa parecer. O sentimento nacional é considerado *o elo mais sólido da nacionalidade e o mais certo estímulo aos cidadãos*. Portanto, *o livro de Edmundo de Amicis será um dos mais fortes elementos da obra de reconstituição da Itália e, no ponto de vista exclusivamente escolar, me parece um dos mais bem feitos para inspirar às crianças o amor da pátria e o espírito de sua nacionalidade. A escola brasileira carece absolutamente de um livro que, ao menos pelos intuitos, dele se aproxime. (...) Ele vai correr as escolas brasileiras; além do puro vivificante sopro de bondade, de virtude, de moral que nelas espalhará, eu desejo que os meus jovens compatriotas, rio-grandenses ou paulistas, paraenses ou bahianos, fluminenses ou mineiros, do sul ou do norte, de leste ou de oeste, qualquer que seja a sua origem ou a sua classe, a sua raça, ou a sua condição, aprendam nele como se ama a pátria, como se admira os seus feitos e como se estima os que a fizeram grande, próspera e gloriosa, sem nenhum acanhado, preconceito de política e pondo acima da competência mesquinha dos partidos a sua imagem veneranda*". Nesta perspectiva, Veríssimo (1890) concebe o *homem* enquanto negação do sujeito que se constrói e reconstrói, ressaltando a concepção de objeto moldável, pelo exemplo e repetição.

Concomitante a esta explicação, o valor da obra também reside no fato de atingir as *emoções sociais*, através da *educação do caráter*, considerada *a mais elevada forma da educação moral, que deve começar pela educação das primeiras manifestações do altruísmo na criança. Cumpre desenvolver e educar nelas a afeição, a necessidade de carícias, a compaixão pelo sofrimento, a liberalidade e simpatia*. Nesta tarefa, a família, em estreita comunhão com a escola e a sociedade em geral, *além da educação da vontade e do desenvolvimento do espírito de disciplina, de simpatia, de solidariedade, tem ainda de atacar a mentira - que é talvez a mais saliente das nossas taxas nacionais -, a dissimulação e o medo, não só diretamente, como desenvolvendo e estimulando a coragem, a verdade e a franqueza*.

A publicação deste artigo, em um livro destinado a *meninos de nove a treze anos*, possibilita pensar que não era lido somente pelos meninos, mas também pelos adultos – pais e professores. Esse fato pode ser constatado no comentário de Humberto de Campos, em seu livro de *Memórias 1886-1900*, quando afirma que *“esse livro constituiu um acontecimento, em Paraíba. Depois de ‘Genoveva de Barbante’, não sei de outro que derramasse tanta lágrima em nossa casa e despertasse maior interesse, no círculo de nossos íntimos. Os meus companheiros*

pediam-no, para mostrar aos pais. As senhoras mandavam pedi-lo, por empréstimo, à minha mãe”.

Podemos acompanhar a inserção do Ivro e o prestígio do autor na sociedade brasileira a partir de informações divulgadas na *Revista Pedagógica*, órgão oficial do *Pedagogium*. No número 7, de 15 de abril de 1891, é anunciado que foi “*aprovado pelo Conselho Diretor, a obra Coração, de Amicis, tradução de João Ribeiro, para as escolas primárias*”. Neste mesmo número, publica o capítulo *Os Pais de Alunos*, do *primoroso* livro de Edmundo de Amicis - *La novella de um maestro*. A Revista informa o leitor que “*iremos extraindo alguns capítulos que acreditamos serão devidamente apreciados pelos leitores*”. Esse fato evidencia o sucesso que o autor vinha tendo na Corte. Edmundo de Amicis já era conhecido do público brasileiro por sua *interessante colaboração* no *Jornal do Brasil*, pela *deliciosa* novela publicada “*A Mestra dos Operários*”.¹²

Também Raul Pompéia (1863-1895) tece comentários à obra, na crônica “*Lembranças da Semana*”, publicada no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1891 (Pompéia, 1983). Iniciando com uma observação sobre a injustiça social com que são tratados os operários do mundo, destaca que, com a recente tradução da obra de Amicis, “*temos um belo ensejo de dar cumprimento a semelhante dever de justiça*” (p.383). Descreve a obra como um “*építome de amor filial, de amor maternal, de respeito aos mestres, de ardente patriotismo, de singela abnegação parar o bem, esse precioso resumo exemplar de um coração, que é Cuore*” (p.385).

Em 1892, a *Revista Pedagógica* inclui a obra na relação do *Movimento bibliográfico (Didactica)* relativo ao ano de 1891. Neste mesmo número, na parte *Annuncio*, apresenta a *Opinião da Imprensa sobre Coração*. A leitura do excerto de notícia publicada na *Gazeta de Notícias* nos informa que esse jornal foi responsável por torná-la popular, desde que publicou *algumas páginas desse encantador livro*, apresentadas ao leitor pelas mãos de Ramalho Ortigão. O Folhetim do *Jornal do Commercio* refere-se à obra “*mandada traduzir para as crianças*

¹² Outras obras De Amicis publicadas no Brasil: Holanda, tradução de ? (Francisco Alves, 1914); Marrocos, tradução de Manuel Pinheiro Chagas (Clube do Livro, 1947, com especial autorização da Livraria Francisco Alves). Na Biblioteca Central da PUCRS encontram-se vários exemplares da edição italiana de *Cuore* (1908, 1924, 1953, 1960), da edição Argentina – *Corazón. Diário de um niño*, tradução para o espanhol da 44ª edição italiana por H. Giner de los Rios, edição revisada pelo autor e autorizada para a Espanha e América (1910, ilustrada); e outras obras do autor: *La Vitta Militare* (1915); *Alla Gioventú – Letture Scelti dalle opere di Edmondo De Amicis*. Antologia scolastica e familiare per cura Dino Mantovani (1908); *Sull'Oceano* (1924). A edição de 1960 de *Cuore* informa que é de 3.065 *migliaio*. (A Biblioteca da PUCRS contém em seu catálogo 555 títulos editados pela Francisco Alves, o mais antigo de 1877).

brasileiras como o epitome de amor filial, de amor maternal, de respeito aos mestres, de ardente patriotismo, de singela abnegação para o bem, esse precioso resumo exemplar de um coração, que é Cuore”.

Para Lajolo (1993, p.88 e 90), a ampla aceitação do livro De Amicis deve-se “*a grande simpatia que tais projetos estético-pedagógicos gozam junto às elites letradas fin-du-siècle. (...) O quadro de valores que suas narrativas endossam e propagam tem a nitidez das ortodoxias acima de qualquer suspeita; bem e mal, certo e errado, adulto e criança, são mundos estanques, que jamais se interpenetram*”. O discurso da obra De Amicis seduz as *elites brasileiras* que acreditavam que pela instrução - *moral e cívica* - do povo, atingir-se-ia a *regeneração do país*, condição essencial para a construção de um *ethos* capitalista moderno. A manutenção da ordem dar-se-ia, em grande parte, através da moral e da educação.

Coração: diário de um menino¹³

Coração é editado pelos *Livreiros editores Alves & C.*¹⁴, em 1891. A tradução é realizada pelo *distinto literato* João Ribeiro¹⁵. Para o jornal *Gazeta de Notícias*, João Ribeiro *saiu-se galardamente da empresa*, por ser “*conhecedor profundo das duas línguas e hoje o mais autorizado mestre da nossa no Brasil, temperamento delicado de artista. Sua tradução é incomparavelmente superior às que a precederam, e é a única autorizada pelo ilustre autor,*

¹³ O original italiano, em todas as edições, traz o subtítulo – *Cuore. Libro par I ragazzi*. As primeiras edições brasileiras trazem o subtítulo – diário de um menino. Algumas edições consultadas, do século XX, não apresentam o subtítulo. A edição Argentina traz o subtítulo: *Corazón. Diálogo de um niño* (1910).

¹⁴ É interessante verificar as observações do Folhetim do *Jornal do Commercio* relativas à editora: “*como livreiros e como editores, os Srs. Alves & C, escrupulisam no seu negócio como na prática de um sério dever. Seus armários de divulgadores de obras de educação e de ensino não têm que se envergonhar de cargas de remorsos (pode-se-lhes fazer este reclame que é uma propaganda de seriedade). Suas edições principalmente se impõem pelo cuidado da mais honesta e lúcida escolha. E falando-se de suas edições é preciso acentuar que eles a pagam*” (*Revista Pedagógica*. Tomo 3, nº 16/17, fev.1892). Sobre, ver: BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil (2000).

¹⁵ João Ribeiro - Nasceu em Laranjeiras, Sergipe, a 24 de junho de 1860, onde fez seus estudos de Humanidades. Em 1881, veio para o Rio de Janeiro com a intenção de matricular-se em uma de nossas academias, mas dedicou-se ao professorado como lente do colégio Almeida Martins, aplicando-se com todo ardor à lingüística, em que se tornou notável. Graduou-se, depois, em 1893, bacharel em Ciências Sociais na Faculdade Livre de Direito da Capital Federal. Exerceu o lugar de oficial da Biblioteca Nacional, onde passou, mediante o respectivo concurso, a professor do Ginásio Nacional. Cultiva as letras, é poeta e escreveu: *Idyllos modernos*, 1882; *Dias de sol*, 1884; *Avena e Cythara*, 1886; *Estudos philologicos*, 1884; *Morphologia e collocação dos pronomes*, 1886; *Exames de portuguez*, 1887; *Grammatica portugueza da infância*, 1890; *Grammatica portugueza elementar: curso médio*, 1888; *Grammatica portugueza: curso superior*, 1888; *Diccionario grammatical*, 1889; *A instrução publica*, 1890; traduz *Coração*, de Edmundo de Amicis, 1891; *Historia antiga*, 1892; *Ensino cívico; Discurso proferido*, 1893 (Blake, 1883-1902, p.34-35). João Ribeiro, em 1917, afirma que teve 150 edições dos seus livros didáticos, em torno de um milhão de exemplares, editados pela Livraria Francisco Alves (Hallewell, 1985, p211).

tanto em Portugal como no Brasil” (Revista Pedagógica. Tomo 3, n. 16/17, fev.1892). A obra é vendida ao preço de 1\$500.

A tradução brasileira autorizada foi feita a partir da 101ª edição italiana (1888/89), conforme indicado na folha de rosto e confirmado por José Veríssimo (1892)¹⁶. Em 1925, João Ribeiro publica uma Advertência¹⁷, em que assinala que fez uma revisão da *nova tradução que apelidamos de brasileira (...). Feita para o Brasil, exclusivamente, como é em verdade a destinação de todos os livros brasileiros, a tradução agora revista oferece algumas correções úteis e necessárias*”. Essa advertência está presente ainda no exemplar de 1954. Paschoal Leme (1988) assinala que o exemplar por ele lido foi “*cuidadosamente corrigido segundo a 854ª edição(!)italiana*”.¹⁸ As edições da Francisco Alves não trazem ilustrações, diferentemente das edições italianas. Somente a capa apresenta uma gravura, bastante intrigante para um livro de literatura infantil.

Na primeira edição, o tradutor inclui uma *Advertência*, na qual transcreve o prefácio De Amicis à obra: *‘Este livro é particularmente dedicado à infância das escolas elementares, às crianças entre 9 e 13 anos, e poderia chamar-se “história de um ano escolar, escrita por um aluno de terceira de uma escola municipal de Itália”’. Dizendo escrita por um aluno de terceira, não quero dizer que ele propriamente a tivesse escrito tal qual é impressa. Notava ele dia a dia num caderno o que via, sentia e pensava, na escola e fora dela; e seu pai no fim do ano sobre aquelas notas organizou estas páginas por não alterar o pensamento e conservar quanto possível fosse as palavras do filho. Este, 4 anos mais tarde, andando já no Ginásio releu o manuscrito, acrescentou-lhe alguma coisa por sua própria conta, valendo-se da*

¹⁶ Além da tradução de João Ribeiro, encontram-se outras edições. Há uma edição pela Teixeira & Irmão, de 1891, com tradução de Valentim Magalhães (392p.). Essa tradução também é publicada pela Empresa Literária Universal (Lisboa/Portugal) com data de 1938. A Livraria Universal de Echenique Irmãos & C, de Pelotas (RS), publica *Coração* (a 4ª edição é de 1907, com tradução da 100ª edição italiana). Essa edição é uma cópia pirata da edição da Francisco Alves, sem fazer menção ao tradutor. Em 1968, Tecnoprint/Livro de Ouro passa a publicá-lo, com adaptação de Osmar Barbosa (155 páginas e ilustrações). Os exemplares consultados foram: da Livraria Francisco Alves - a 44ª edição - cuidadosamente revisada, de 1949; a 46ª edição, de 1954 (326 páginas); da Editora Hemus, com tradução de João Amêndola, de 1997 (230 páginas e ilustrações). Na propaganda da Editora Hemus, o livro *Coração. Diário de um aluno*, ainda disponível no Catálogo (R\$25,00), consta a seguinte apresentação “*obra-prima da literatura universal, Coração atinge profundamente a alma das pessoas, consegue comover o mais indiferente leitor. Não é um livro comum, não recorre ao pedantismo que se depara nos outros livros; é uma obra profundamente maravilhosa e inesquecível. Contém, por assim dizer, uma virtude fundamental, tomando-se, por isso, a literatura de várias gerações, e decorrido quase um século desde seu aparecimento, continua a falar na alma de quantos têm sentimentos elevados. Dedicado aos meninos de nove a treze anos, faz chorar todos os outros, também comocrianças. Ilustrado, completo e não-adaptado*”. (<http://www.hemus.com.br/livro.asp?codigo=11146>)

¹⁷ A partir dessa edição, a Advertência de João Ribeiro será reproduzida em todas as edições da obra.

memória ainda fresca das pessoas e das coisas. Agora lêde este livro; ele vos dará prazer e vos fará bem, eu espero”¹⁹.

Para José Veríssimo (1892), o sucesso do livro deve-se por: *“falar à criança, aos escolares, de si próprios, de seus camaradas e colegas, de seus mestres, de seus pais, de seus jogos e brinquedos, de suas lições, de seus castigos e dos seus prêmios, da vida escolar, enfim, com todas suas cenas e todos os seus episódios (...); ser um livro original e que de nenhum modo se parece com o comum dos livros didáticos: não tem deles nem o aspecto pedantesco e doutrinário, nem tampouco o ar piegas, amaneirado e fútil com que outros querem disfarçar, sob uma aparência de simplicidade, a incapacidade para fazer simples e bom. É realmente um livro singelo, verdadeiro, sombrio e eloqüente, porque, sem artifício de nenhuma sorte, fala ao sentimento e toca o coração que lhe deu o título e que, segundo a ingênua filosofia popular, que é a de nós todos, é a sede de todas as nossas emoções”*.

Coração, como o próprio nome sugere, pretendia a *educação do e pelo coração*. De Amicis considera que neste *orgão humano* residem os sentimentos, as emoções, a consciência, passíveis de serem influenciadas e ensinadas. *“O conceito fundamental do livro é de educar a mente e o coração dos jovens com exemplos de virtude, de abnegação e de coragem”* (De Amicis, p.7). Nesta perspectiva, virtudes e mensagens morais entrelaça-se em todo o texto, escrito em forma de *diário* de um aluno de terceiro ano, onde cada *estória* é uma lição de vida. O leitor é constantemente lembrado como *menino todo coração, rapaz de coração e honra*, que *Deus deu grandes dotes, só resta fazer bom uso deles*, espelhando-se no personagem-aluno Henrique²⁰. No relato sobre *Uma Medalha bem dada*, o Inspetor escolar dirige-se ao aluno com estas palavras: *“não dou (esta medalha) somente à tua inteligência e à tua boa vontade, dou-a ao teu coração, à tua coragem, ao teu caráter de bravo e bom filho”*.

A obra é um retrato do cotidiano de uma escola pública para meninos, na Itália, nos anos de 1881 e 1882, período pós-unificação. O sumário é dividido pelos meses do calendário escolar,

¹⁸ Provavelmente, foi a edição de 1927, em que constam esses dados. As edições italianas consultadas não apresentam o número de edição, mas a tiragem em milhares de exemplares: 1908 – 415^a *migliaio*; 1924 – 1314^a *migliaio*; 1953 - ?; 1960 – 3065^a *migliaio*.

¹⁹ Essa explicação do autor está presente em todas as edições italianas, o que não acontece nas edições brasileiras consultadas do século XX.

²⁰ Henrique poderia ser comparado, hoje, com o personagem Harry Potter: heróis em processo de formação e inserção social. Para Bakhtin (1992, p. 235), “a vida do herói e seu caráter se tornam de uma grandeza variável”, objetivando com seu exemplo a *formação* (transformação) *do homem*, do leitor. O romance de educação/formação caracteriza-se por apresentar o herói/personagem em processo de aprendizagem/de formação.

iniciado em outubro e finalizado julho. O autor entremeia os relatos das ocorrências de vida cotidiana - escolares e familiares, com *cartas dos pais* e *contos mensais*²¹ - O Pequeno Patriota Paduano, O Pequeno Vigia Lombardo, O Pequeno Escrevente Florentino, O Tamborzinho Sardo, O Enfermeiro de Tata, Sangue Romanholo, Valor Cívico, Dos Apeninos ao Andes, Naufrágio -, com o objetivo de fortalecer o espírito cívico ou as virtudes morais, apelando para o sentimentalismo do leitor e por um otimismo distante da realidade. A intenção do autor é fazer com que o leitor sinta-se um *personagem* do texto, identificando-se com os personagens e com os eventos cotidianos narrados, para melhor apreender as *mensagens* morais e cívicas valoradas.

Ao longo de todo o livro, o *leitor-menino* é confrontado com os opostos, ou seja, como deve ou não ser, agir e pensar. Na prescrição das virtudes, a serem adotadas na vida pessoal/social, o autor se refere àquelas condenadas pela sociedade. Assim, para valorizar as virtudes de *amor ao próximo, bondade, cortesia, lealdade, resignação, piedade, respeito, gratidão, solidariedade, compaixão, amor à Pátria, amor ao trabalho, busca da felicidade*, são condenadas as atitudes de *inveja, covardia, vaidade, usura, prepotência, impaciência, ira, orgulho, insolência, preguiça, vícios, soberba*. Textos temáticos reforçam a *aprendizagem* destas virtudes, tais como: “*Um rasgo de generosidade; Generosidade; Vaidade; A Vontade; Gratidão; Inveja; Esperança; Sacrifício; Amor da Pátria; Bons Propósitos; Soberba*.”

Atitudes e valores cívicos são apresentados através de diferentes premissas prescritivas: “*quem respeita a bandeira quando criança, saberá defendê-la quando homem*”; de cartas do pai (*Amor à Pátria*); de contos mensais (*O Tamborzinho Sardo, O pequeno vigia Lombardo, O pequeno patriota paduano, O valor cívico*) e de temas de aula (*Os funerais de Vitório Emanuel, Os soldados, O menino calabrês, O Conde de Cavour, Rei Humberto, José Mazzini, Garibaldi, O Exército*).

A exaltação do trabalho é recorrente: “*o trabalho não suja. Deves dizer: tem na roupa os sinais, as marcas do seu trabalho; ânimo, ao trabalho, com toda a alma e com todos os nervos; ao trabalho que me tornará o repouso doce, os divertimentos agradáveis, o jantar alegre; ao trabalho que me restituirá o bom sorriso do meu professor e o beijo abençoado do meu pai*”. No texto “*Os Feridos do Trabalho*”, o autor faz uma analogia exaltatória dos operários como *soldados em batalha* e dá uma aula ao leitor de educação de classe social: “*vê os homens das classes superiores são os oficiais, e os operários são os soldados do trabalho, mas assim*

²¹ No sumário da obra, os contos mensais são destacados com letras maiúsculas.

como na sociedade como no exército, não somente o soldado não é menos nobre do que o oficial, porque a nobreza está no trabalho e não no ganho, no valor e no grau”. No relato sobre “A Distribuição de prêmios aos Operários”, alunos das escolas noturnas profissionais, o autor reforça a intenção de valorização do trabalho: “eu sentia algo de inexprimível no coração, como um grande afeto e um grande respeito, ao pensar quanto haviam custado esses prêmios a todos os trabalhadores, pais de família, cheios de preocupação, quantas fadigas ajuntadas às suas fadigas, quantas horas roubadas de sono, de que tanto necessitam, e quantos esforços de inteligência não acostuada ao estudo e das mãos grossas, endurecidas pelo trabalho”. De Amicis perpassa uma visão idealista de sociedade que minimiza os conflitos, as injustiças e as diferenças sociais.

A valorização da escola e do estudo, do esforço que permite “subir de posição graças ao estudo e às privações”. A exaltação do professor parte do reconhecimento de seu papel social: “ama o teu professor, porque pertence àquela grande família de cinqüenta mil mestres elementares; espalhados pela Itália toda, e que são como os pais intelectuais de milhões de rapazes que crescem contigo, os trabalhadores mal distinguidos e mal recompensados, que preparam para o nosso país um povo melhor que o atual”. No texto “O Conde de Cavour” são reproduzidas suas palavras no leito de morte, o que dá mais dramaticidade ao dito: “educai a infância e a juventude... governai com liberdade”. A diferença social é sinalizada pelos estudos, naturalizando-a: “terminada a quarta série, irás para o ginásio, eles serão operários. Quando estiveres na Universidade ou no Liceu, irás procurá-los nas suas lojas ou nas suas oficinas, e provarás um grande prazer ao encontrar os teus companheiros de infância -homens no trabalho”.

O livro faz referência constante às inovações implantadas com a República Italiana, tais como: a ampliação das escolas públicas; de escolas noturnas para operários; atendimento especial para cegos, surdos-mudos; de asilos infantis. A intenção é de exaltação do progresso e a necessidade de ordem, que permeiam toda a leitura: “este movimento (escolar) é o progresso, a esperança, a glória do mundo”. Nesta ação, o autor trata dos excluídos da sociedade: “os pobres, o preso, as crianças raquíticas, a surda-muda, os meninos cegos, o asilo infantil”, mostrando as desigualdades sociais de forma naturalizada, já que percebe o mundo dividido em dois: pobres e ricos.

Coração expressa uma moral válida para todos, moral que exalta o sacrifício e o trabalho, o respeito à hierarquia social e à fraternidade humana. A exaltação do valor patriótico e social, a abundância de bons sentimentos, o espírito humanitário de viés paternalista, faz com que sua leitura desperte sentimentos ideais para uma sociedade idealizada.

A atualidade de *Coração*: projetando idéias.

A obra *De Amicis* é um documento significativo de uma época (Itália Pós-Unificação) retratando a educação, a cultura e o projeto de nação para uma Itália liberal e burguesa. É um exemplo significativo de uma maneira de escrever e entender o livro escolar e de leitura para meninos, visando uma alquimia perfeita das virtudes individuais, cívicas e patrióticas.

Traduzido em vinte e cinco línguas, editado em inúmeros países e em diferentes materialidades – França²², Espanha, Argentina²³, México, Colômbia²⁴, Portugal, Chile²⁵, Japão, Iugoslávia, Inglaterra²⁶, Holanda, Marrocos, Noruega, Cuba e outros -, compartilha uma visão ideológica da sociedade e uma mensagem política de acordo com o sistema capitalista (Spiegelburd, 2002, p.231)²⁷.

É também um importante testemunho de uma época de grande desejo e interesse educativo, civil e social: “*de regeneração das consciências, de superação dos prejuízos e divisões seculares, em busca de uma integração lingüística, cultural e nacional.*” Assim, representou “*um instrumento poderoso de unificação cultural nacional sob a tutela intelectual da*

²² Em 1892 é editado na França. Em 2001, foi reeditado, com dois ensaios de Umberto Eco, que expressa uma “profunda e espiritual aversão” pela obra: “*un exemple abject de pédagogie petite-bourgeoise, marquée par des intérêts de classe paternaliste, sadique et fin de siècle*». No entanto, «*la société italienne qui s'est formée sur le modèle de Cuore a continué à faire de ce livre un guide pour son action, même quand elle ne lisait plus. En d'autres termes, elle a continué à écrire Cuore; de sorte que cela n'a rien d'un divertissement gratuit que de lire l'histoire italienne récente comme un appendice à ce livre*” (ECCO, 2001).

²³ Sobre a obra na Argentina, ver: SPREGELBURD, Roberta Paula. De los Apeninos a los Andes: las lecturas de Corazón en la escuela argentina. A obra de Amicis também resultou em filme na Argentina: *La maestría de los obreros* (1942); *Corazón* (1947); *De los Apeninos a los Andes* (1960).

²⁴ Gabriel Garcia Márquez (2003, p. 173), em seu livro de memórias sinaliza a leitura de Amicis - “*Eu, por meu lado, só levava livros que já tinha lido, e irrepetíveis: Jeromín, do Padre Coloma, que jamais cabeí de ler; A Voragem, de José Eustasio Rivera; Dos Apeninos aos Andes, de Edmundo de Amicis; e o dicionário de meu avô, do qual lia trechos durante horas*”.

²⁵ No Chile é editado pela Gaivota e consta como livro de leitura para meninos de 12 a 15 anos.

²⁶ É traduzido com o título *Heart*, em 1895; em 1899, passa a ser publicado com o título *Enrico's Schooldays*.

²⁷ Na Itália, o livro alcançou a marca de um milhão de exemplares em 1920. Em 1976, foi realizado um desenho animado com o conto *De los Apeninos a los Andes*, intitulado Marco. Há também histórias em quadrinhos com o mesmo conto.

burguesia (...) com uma certa responsabilidade histórica pela propagação e perpetuação de uma ideologia, uma mentalidade e de hábitos educativos” (Móbile, 1992, p. 131).

Mesmo datada no século XIX, a obra permanece sendo reeditada e lida ao longo do século XX, como exemplar texto moralizante. A formação do cidadão para o cumprimento das normas/regras sociais destina-se a alcançar a harmonia individual e social. Nesta perspectiva, ontem como hoje, a educação do caráter nacional, isto é, do cidadão/cidadania, é o mote para os projetos de *modernidade/modernização* da sociedade. O progresso, a geração de bens/riquezas e a consciência da dignidade humana são os pilares do projeto educacional, que visa à conformação das gerações não permitindo o *devir* humano.

Neste início de século XXI, dominado por uma mutação ideológica e social, por um viés *conservador*, em que toda a sociedade está confrontada com a perda de valores, percebe-se a retomada da questão da *ensinabilidade e aprendizado das virtudes* - conteúdos moralmente formadores - que tem sido tratada em várias instâncias da sociedade, na perspectiva de (re)constituir *o coração do mundo sem coração*.

Coração contém pressupostos universais, que até hoje são requeridos. Este ideal de formação de um *homem mais humano* pressupõe o sentido de humanidade como valor ético e não moral (Rolnick, 1992). As virtudes são metas perenes da humanidade, o que muda é a concepção de homem - da moral ou da ética, e, dessa forma, a concepção de educação e ensino. A educação para o *homem ético* e não para o *homem moral*, é que deveria ser o grande desafio para a educação desse milênio.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Joelma S. de. *Flagrantes da Vida Escolar Brasileira - final do século XIX e início do século XX*. (Relatos Autobiográficos). São Paulo: USP/SP, 1996. (Dissertação de Mestrado)

AMICIS, Edmundo de. *Coração. Diário de um aluno*. São Paulo: Hemus, 1997.

AMICIS, Edmundo de. *Coração*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1954 (46ª edição).

AMICIS, Edmundo de. Verbete. *Enciclopédia Brasileira Mérito*. São Paulo: ed. Mérito, 1959. V. I, p. 591.

AMICIS, Edmundo; ECCO, Umberto. *Le Livre Coeur*. Eloge de Franti. Paris: Rue d'Ulm Ed, 2001.

ÁVILA, A. *Práticas Escolares*. São Paulo: Saraiva, 1967.

ÁVILA, A. *Literatura Infanto-Jvenil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1968.

BASTOS, M.H.C. Educação do caráter nacional: leituras de formação. *Revista Educação & Filosofia*. Uberlândia, volume 12, nº23. Jan./Jun. 1998.

BASTOS, M.H.C. Amada pátria idolatrada: um estudo da obra “Porque me ufano do meu país”, de Affonso Celso. *Educar em revista*. Curitiba/PR, n. 20/2002. pp. 245-260.

BASTOS, M.H.C. *Pro Pratia Laboremus*. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista/SP: EdUSF, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BLAKE, Augusto V. A. Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: [s.n], 1883-1902.

BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/SP: Mercado de Letras; Associação de leitura do Brasil, 2000. pp.472-73.

CAMPOS, Humberto Veras. *Memórias* (1ª Parte- 1886/1900). São Paulo: W. M. Jackson, 1954.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia*. A História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2002.

FARIA NETTO, F. *Coração Brasileiro*. Palestras moraes e cívicas. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, s/d. (2ª edição, 285p.)

FREITAG, Bárbara. *O Indivíduo em Formação*. São Paulo: Cortez, 1994.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil* (sua história). São Paulo: T.A. Queiroz, EDUSP, 1985.

KUHLMANN Jr, Moysés. As Grandes Festas Didáticas. A Educação Brasileira e as Exposições Internacionais (1862-1922). São Paulo: USP/FFCH, 1996. Tese (Doutorado em Educação)

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na Escola. Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

NOBILE, Angelo. *Literatura infantil e juvenil. La infancia y sus libros en la civilización tecnológica*. Madrid: Ed. Morata, 1992.

PFROMM Neto, Samuel e outros. *O Livro na Educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

POMPÉIA, Raul. *Obras*. Volume IX. Rio de Janeiro: MEC/FENAME; Civilização Brasileira, 1983.

ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade. Fala proferida no IV Encontro Regional de Psicologia Social, da ABRAPSO. São Paulo, maio de 1992.

SPREGELBURD, Roberta Paula. De los Apeninos a los Andes: lãs lecturas de Corazón en la escuela argentina. In: CUCUZZA, Héctor Rubén; PINEAU, Pablo (org). *Para una história de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina. Del Catecismo colonial a la Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Miño y Dávila srl, 2002. pp.228-251.

TAMBARA, Elomar. *Bosquejo de um Ostentor do Repertório de Textos Escolares, utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil*. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. *Um projeto pedagógico-cívico para a educação em João Simões Lopes Neto*. In: Anais do V Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da educação. História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias. Gramado: UFPel/ASPHE, 2004.

VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VERÍSSIMO, José. A Educação Nacional (a propósito de um livro italiano). *Revista Pedagógica*. Rio de Janeiro, tomo 3, nº 16/17, fev 1892.

VERÍSSIMO, José. Um estudo sobre De Amicis. In: AMICIS, Edmundo De. *Coração. Diário de um menino*. Rio de Janeiro: Livreiros editores Alves & Cia, 1894.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.